

T 28 JUN - 3 JUL 2022

ESTÁCIO DOS FINALISTAS DE
TEATRO E EDUCAÇÃO DA ESEC EM
COLABORAÇÃO COM O TEATRÃO

INFORMAÇÕES E RESERVAS
239 714 013 • 912 511 302
PRODUCAO@OTEATRO.COM

ESEC
Teatrão

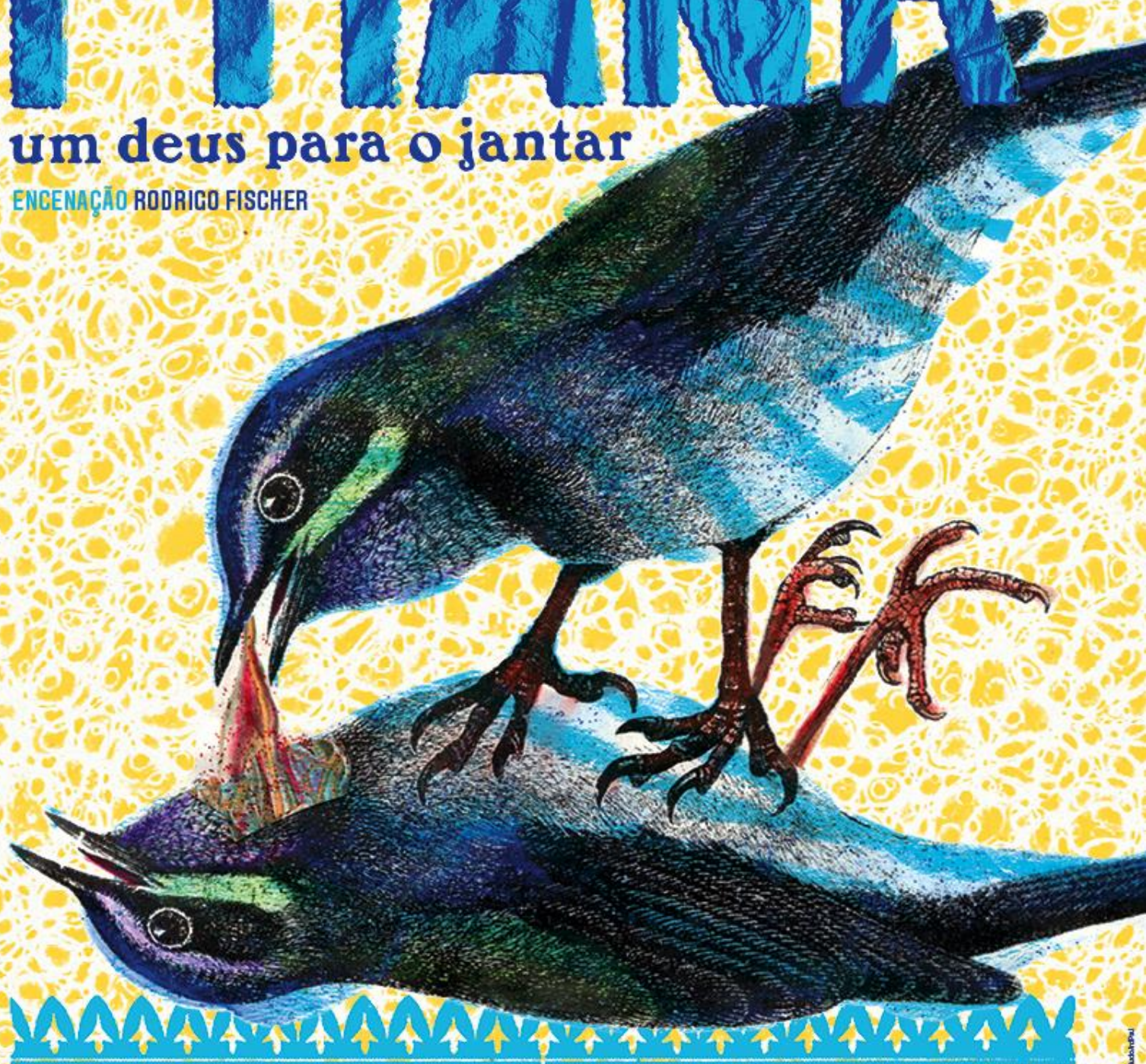
TER-SÁB 21h30 • DOM 19h • M16 • 90min • OMT • 4€/1€ (comunidade ESEC)

1 JUL sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (em colaboração com a Licenciatura em LGP da ESEC)

FRANK

um deus para o jantar

ENCENAÇÃO RODRIGO FISCHER



O Teatrão e uma estrutura financiada por:



Produção:

Apoio a divulgação: Serviços Municipais de Transportes Urbanos de Coimbra, CITEJ, Sindicato dos Professores da Região de Coimbra, Associação Regional do Centro de Coimbra dos Médicos, Associação Regional do Centro de Coimbra dos Enfermeiros, APO, Associação Nacional de Repetidores, Teatrão, Liga dos Contribuintes, Centro do Brin-Estar Social Sagrada Família, Alameda, Associação dos Estudantes da Escola Universitária Vasco da Gama, Escola Superior de Engenharia de Coimbra, Coimbra Explora, Paredes e Alameda e pastagem/roça, CIES, Universidade de Coimbra, ESEC, Apoio a programação: Hotel B&B, Tivoli Coimbra, Tivoli Coimbra, Hotel Ode, Hotel Ode, Zonaparc, Mural e paróquia: Igreja do Espírito Santo, BUC.

Estágio dos finalistas de Teatro e Educação da ESEC em colaboração com o Teatrão | Dramaturgia coletiva

*Membros da plateia, se alguém entre vocês quiser se entregar e se
misturar com os pássaros e viver despreocupado a partir de agora,
venha aqui e junte-se a nós*
- Aristófanes, *Os Pássaros*, 415 a.C.

Sinopse

Ao fundo, o mundo atual com as suas contradições, guerras, crises e excessos. À frente, um bando, que prestes a colapsar, voa na busca por instantes e epifanias que possam revelar possíveis utopias. Um espetáculo assombrado por fragmentos da história e por feridas ainda abertas que precisam de ser tocadas melodicamente. Toques singelos e grotescos em harmonia com a liberdade dos pássaros. Um voo rasante e urgente que nos impele a reinventar a vida e criar um Frank. Um espetáculo para aqueles que gostam de uma boa crise, para aqueles que gostam de cantar, rir, dançar e celebrar a força do coletivo.

A Linguagem dos Pássaros



Vivemos com os pés no chão e o olhar colado no céu. Em baixo, o ritmo frenético do contexto em que vivemos obriga-nos a desdobrar o corpo para poder escoltar todos os seus movimentos. A realidade em que estamos é insuficiente e sufoca o sonho.

A cabeça, voltada para o céu, não escapa ao caos e vê-se inundada por questões e discussões para as quais não encontramos respostas e que nos trazem memórias de outros tempos. Mas os nossos pés não descolam do chão e numa tentativa de voo falhada colapsamos. Estas memórias, à luz do agora, são tão belas como terríveis e reabrem feridas que com a melodia dos pássaros conseguem ser embaladas. É necessário operar a realidade em que vivemos, para que através de um transplante de risco possamos criar novas formas de vida, protótipos *esquizoides* que partilham a mesma festa da carne. Colapsamos repetidamente a cada dilema até vislumbramos uma utopia, uma possibilidade que nos dá a sensação de estarmos finalmente a levantar voo.

Aqui pássaro é cão e um cão que saboreia um pássaro à boca, torna-se pássaro. Esta inversão da lógica emerge das fendas de ruínas e pedaços de história que são decomposições do ser humano. Pedaços esses que se reorganizam para criar novos seres e realidades, frankensteins e utopias.

Ao longo da história da humanidade, têm sido várias as situações de colapso que depois dão origem a novas reformulações ou construções. Foi assim com Hiroshima, as Torres gémeas, o SNS durante a pandemia, um castelo de areia na praia, etc. Há quem

persiga estes acontecimentos e os catalogue, a esses chamamos colapsologistas, apocalipsologistas, amantes de um bom colapso. Mas há colapsos que se têm vindo a desenhar ao longo da história - a guerra, o colonialismo e a ditadura - que aqui vão fazer metamorfosear o coletivo. Dos ferimentos que foram deixados, talvez seja possível preenchê-los com o canto dos pássaros e projetar outra realidade.

Como podemos fugir da realidade e potenciar a fantasia? Estar no limbo entre um e o outro ou poder estar nos dois ao mesmo tempo? A nossa solução é reinventar, ambos, para que as possibilidades todas tenham lugar em qualquer um dos dois e que mesmo assim possam continuar a ter sentido. Sentido individual e coletivo como nunca antes tinha tido em lugar nenhum, porque nunca antes resinificamos com intenção de cabermos todos lá, nesse espaço. Para rever esse espaço, que talvez nunca tenhamos experienciado antes, ou então não nos resta memória disso, descondicionamos a ação, o gesto, a fala e abrimos espaço para novas perspectivas que essa racionalização inibe. Novas formas de ver o real e de o discutir através da ficção e de perceber porque é que ficcionamos, discussão que, de certa forma, também se alastra para a da criação de utopias. O que é para nós uma utopia e que importância é que ela ganha num mundo de contradições, guerras, crises e fragmentações? Mais do que dicotomizar ou apresentar um único ponto de vista para a ideia de reinvenção, o espetáculo propõe enfatizar as diversas contradições que envolvem novas formas de olhar o real. Neste desejo de evasão e de liberdade ilimitada que as utopias agregam, identificamo-nos com o voo dos pássaros. Podemos pensar nos pássaros enquanto meio de ligação entre o consciente e inconsciente, o terreno e o celestial, é colocar a possibilidade destas aves simbolizarem o processo de passagem do real para o ficcional, do material para o imaterial, da vida quotidiana para o espaço de utopia em criação. As suas asas permitiriam deslocções no tempo e espaço, através da incorporação da ancestralidade que buscamos e dos seres do futuro que hão de vivenciar o nosso ideal de utopia enquanto realidade objetivável ou tão só como estrela-guia. Destreinamo-nos como cães e pássaros livres.

O grupo tem uma base de trabalho coletiva potenciadora de dinâmicas criativas musicais e dramatúrgicas. A implicação de todos nos processos criativos evidenciou o trabalho coral, e por sua vez trouxe à superfície um conjunto de discussões e possibilidades que integram o espetáculo, que é uma tradução direta do processo, das respostas, das perguntas, dos dilemas, dos desejos e do caos. Nenhuma leitura é excluída, nenhuma hipótese, nenhum ponto de vista, todos são possibilidades para quem vê.

Instalação | Atividade Paralela

E se uma memória individual pudesse desbloquear memórias coletivas em fragmentos da história? De carácter desmembrado e de ritmo frenético, a memória de uma boca, que sussurra um jorro de pensamento, alastra-se para a memória que inunda o coletivo e que se corporaliza no espetáculo.

A estranheza característica desta instalação de vídeo, aliada à aleatoriedade de momentos em que o público se relacionará com ela, poderá gerar leituras distintas, individuais bem como uma visão partilhada.

Enquanto premissa a extensão de leituras possíveis desta criação alinha-se com o ponto de partida da linguagem do espetáculo.

Instalação “Estrela Cadente”

De 28 de junho a 3 de julho

Segunda a sábado às 20h30; domingos às 18h

Tabacaria [Oficina Municipal do Teatro]

Entrada livre



Carnavalizar o Instante

Todas as pessoas têm pássaros azuis dentro de si, aprisionados e esquecidos na espuma dos dias. Contudo, há dias em que o silêncio à nossa volta é maior e, por isso, o canto do pássaro azul, que nunca cessou, ouve-se e alastra-se por todas as partes do nosso corpo. Provocando uma sensação de liberdade temporária que nos leva a agir de outra forma, a produzir cortes e a viver mais *esculhambadamente*. Momentos esses que são interrompidos pela intransigência do cotidiano. Pequenas utopias numa sequência de colapsos. É aqui que entra a fantasia e a poesia, são estes os momentos que queremos perpetuar.

O processo de trabalho distinguiu-se de todos os caminhos traçados pelo grupo até então. O conhecimento e os métodos de trabalho que adquirimos ao longo do curso e que começávamos a explorar foram desafiados a ser desconstruídos. Como estávamos perante uma pessoa nova, com visões e escolas diferentes, agarrámo-nos ao coletivo para trilhar este percurso de descoberta que teve, muitas vezes, momentos de colisão e de confusão perante o novo e o desconhecido, e que, por isso, constituíram momentos cruciais na aprendizagem. Mas esta oportunidade levou-nos a pôr de lado o comprometimento que nos castra. Descobrimos coisas juntos e uns nos outros abrimos espaço para o absurdo.

Foram inúmeras as urgências a ser discutidas que enquanto grupo apontamos. No meio de tantos automatismos, contradições, crises e tensões, sentimos uma vontade vigorante de sonhar novas realidades e transformar a realidade atual. Para nós, sonhos e utopias, tal como a fé para outros, têm um papel fundamental na reestruturação da realidade.

É nos impossível descolar das inquietações que surgem ao projetar o futuro. Este culminar de ciclo estimula memórias que trazemos inscritas no corpo, que projetam inevitavelmente um passado coletivo no palco. Ambicionamos ser pássaros, prontos para voar para outro lugar em breve. Queremos levar um pouco de Frank connosco, uma transformação no corpo, um novo remendo, uma colagem de novas experiências e com um pé no passado ter a ousadia de deixar sair do peito o pássaro azul. O passado conta a bagagem que trazemos, a viagem que fizemos e o futuro projeta todas as possibilidades, que são o que basta para nos reinventarmos.

E se no colapso e no caos houver espaço para a reinvenção, a poesia e o sonho?

3º ano do Curso de Teatro e Educação

Antropofagia como processo de criação

Iniciar um processo criativo é sempre um ato doloroso e um ato de coragem pois precisamos tocar em feridas e intimidades. É refletir de forma honesta sobre como olhamos e nos colocamos no mundo. Um processo criativo não nasce a partir de uma vontade, mas de uma urgência. Foi assim também que começamos a criação de *Frank, um deus para o jantar*, na qual buscamos, num primeiro momento, sintonizar quinze diferentes urgências. Quinze artistas-estudantes do curso de Teatro e Educação com desejos e sonhos singulares, mas que se encontravam, de alguma maneira, na necessidade de reinventar. Um processo no qual entendemos o teatro não como forma de imitação da vida, mas como forma de reinvenção da vida, permitindo que os sonhos, a imaginação, a fantasia e a ideia utópica do mundo atravessasse nosso processo criativo.

O primeiro passo foi então um trabalho com improvisos e exercícios cênicos que promovessem uma criação dramatúrgica e um estado corporal cênico que rejeitassem qualquer ideia de padronização, mecanização ou artifício que reproduzisse a realidade. O desafio era encontrar novas perspectivas de olhar o mundo, de permitir novos modos de existência e consequentemente novos modos de expressão. Por esse motivo, nossas dinâmicas em sala de aula se fundamentavam em princípios que buscavam des-mecanizar e des-racionalizar o impulso, o gesto e a palavra. Foi a partir então desse trabalho que começamos a pensar nesse ser humano utópico. Seria ele um corpo sem órgãos como sonhava Antonin Artaud? Seria um ser híbrido como um ser humano-pássaro ou um ser humano-cão? Seria um Franksntein?

A partir desse trabalho em sala de aula, muitas improvisações começaram a delimitar ideias dramatúrgicas para nossa criação. Mais do que um esforço ou obsessão para encontrar elementos que pudessem compor nossa dramaturgia, era preciso sintonizarmos um estado afetivo e coletivo de abertura e devir para tais elementos, pois eles naturalmente atravessam um processo criativo. Foi assim que diversos elementos estruturantes do projeto, como a ideia de colapso, a epifania e a utopia, começaram a sugerir o material de composição. A partir dessa estrutura, o processo precisou então dialogar com diversos textos que pudessem alimentar a criação. Simultaneamente, convidamos o dramaturgista Gil Roberto para que ele pudesse montar o quebra-cabeça dramatúrgico a partir de diversos textos e fragmentos registrados durante o processo até então.

Dentre as diversas conversas com Gil, compreendemos que a ideia de antropofagia era um dos elementos que centralizavam a nossa criação. Em 2022, celebramos no Brasil os cem anos da Semana de Arte Moderna, caracterizado como um movimento antropofágico, na qual artistas Brasileiros vinham para a Europa se alimentar artisticamente, assimilando criticamente o modelo europeu para assim criar algo genuinamente brasileiro. “Tupi or not tupi: thats the question” como refletiu Oswald de

Andrade em seu Manifesto Antropofágico. Durante a criação de *Frank, um deus para o jantar*, percebemos que existiam inúmeras camadas antropofágicas e de modo consciente preparamos nosso banquete que inclui poetas como Charles Bukowski, Manuel de Barros, Sophia de Mello, Paulo Leminski, Manuel de Barros, Fernando Pessoa; dramaturgos como Samuel Beckett, William Shakespeare; encenadores como Tadeusz Kantor, Bob Wilson, Thomas Ostermeier; pensadores como Antonin Artaud, Ailton Krenak, Gilles Deleuze, Suely Rolnik; escritores como Luis de Camões, Mary Shelley, George Orwell, Gonçalves Dias, Hakim Bey, Dante Alighieri; textos como a Bíblia ou a carta de Pero Vaz de Caminha; músicos como Caetano Veloso, Sérgio Godinho, Chico Buarque, Arnaldo Baptista, Frank Sinatra; cineastas como Emir Kusturica, Affonso Uchôa e João Dumas.

Desse processo e banquete, nasce o nosso *Frank, um deus para o jantar*. Um projeto que, antes de mais nada, permitiu que a potência, a imaginação, o risco e a entrega de um coletivo disposto a olhar o mundo por outras perspectivas e encontrar respiros de reinvenção.

Rodrigo Fischer

Ficha Técnica e Artística

Frank, um deus para o jantar | Criação coletiva

Atuação Ana Rita Marques, Matilde Fachada, Beatriz Antunes, Beatriz Palaio, Beatriz Teixeira, Eduardo Garrido, Eva Tiago, Inês Loureiro, Maria João Borges, Miguel Figueiredo, Quélia Frias, Rita Araújo, Rodrigo Almeida, Soraia Silva e Vanessa Almeida.

Direção Rodrigo Fischer

Dramaturgia Gil Roberto

Dramaturgia da Instalação Ana Rita Marques

Assistência de direção Helder Carvalho

Desenho de Luz Jonathan de Azevedo

Desenho Audiovisual Rodrigo Fischer

Direção Musical Cristina Faria

Criação Musical Beatriz Antunes, Eduardo Garrido, Matilde Fachada e Miguel Figueiredo

Direção de Movimento Cristina Leandro

Equipa de Cenário e Adereços Rita Araújo, Rodrigo Almeida e Quélia Frias

Equipa de Figurinos e Guarda-Roupa Inês Loureiro e Vanessa Almeida

Equipa de Dramaturgia Ana Rita Marques, Beatriz Palaio e Maria João Borges

Equipa de Comunicação Beatriz Teixeira e Eva Tiago

Equipa de Produção Beatriz Antunes e Soraia Silva

Grafismo Paul Hardman (Teatrão)

Fotografia Carlos Gomes (Teatrão)

Direção de Produção Mariana Pereira e Cátia Oliveira (Teatrão)

Direção Técnica Jonathan de Azevedo (Teatrão)

Operação Técnica Helder Carvalho (ESEC)

Classificação Etária M16

Duração 90min

Produção Curso de Teatro e Educação da ESEC em colaboração com o Teatrão (2022)

Agradecimentos Alex Lima, André Sousa, Cristina Faria, Diogo Figueiredo, Gil Roberto, José Vieira, Júlio Souza, Margarida Adónis Torres, Paula Gomes



Informações e Contactos



O Teatrão

Oficina Municipal do Teatro

Rua Pedro Nunes, Qta. da Nora

TLF. 239 714 013 | TLM. 912 511 302

935153432, 960080823 (Beatriz Teixeira, Eva Tiago – alunas Teatro e Educação da ESEC)

projeto.intervencao2122@gmail.com